



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO PEDAGÓGICO: reflexões a partir do estágio supervisionado na Educação Infantil

FERNANDA PEREIRA DE SOUZA¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

LARISSA OLIVEIRA MORAES²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões acerca do uso da contação de histórias como recurso pedagógico na Educação Infantil. A fonte para a construção deste trabalho foram as experiências vivenciadas na disciplina Estágio Supervisionado na Educação, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e a coleta de dados foi realizada através da observação participante. A experiência de estágio foi realizada, na turma de creche, com crianças de 3 anos, em um Centro Municipal de Educação Infantil, localizado em um bairro periférico de Vitória da Conquista - BA. Os resultados obtidos evidenciaram a importância da contação de histórias como facilitador do processo de desenvolvimento infantil, além de destacar o papel da intencionalidade docente na preparação das atividades na Educação Infantil. Constatou-se também que o Estágio Supervisionado é uma etapa essencial na formação inicial, pois permite uma reflexão ativa sobre o fazer docente.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Educação Infantil. Estágio Supervisionado.

Introdução

O desenvolvimento infantil ocorre a partir das múltiplas interações que as crianças vivenciam ao longo da infância, neste sentido, a escola é um espaço que propicia um ambiente diverso e facilitador para o desenvolvimento de habilidades intelectuais, motoras, emocionais, culturais e sociais. Vigotski *apud* Vinha e Welcman (2010) afirma que as relações que a criança estabelece com o meio são a fonte para o seu desenvolvimento, portanto a vivência de situações significativas em determinado contexto vai ser determinante para o processo de crescimento da criança.

Nesse sentido, para se desenvolver, a criança precisa passar por experiências que têm o papel de apresentar os aspectos sociais e culturais do meio que ela vive. Na escola, a prática educativa nos primeiros anos da infância deve ser permeada por situações e recursos que facilitem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, uma vez que, nesta fase da vida

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: 202210906@uesb.edu.br

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: 202211088@uesb.edu.br



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

existe um mundo a ser descoberto pelos alunos. Dessa forma, as estratégias de ensino devem ser variadas e sempre pensadas a partir de uma intencionalidade docente.

A contação de histórias é uma das possibilidades que os professores podem utilizar em várias etapas do processo educacional, mas na educação infantil, a utilização dessa ferramenta pedagógica é fundamental para a ampliação do repertório cultural e o desenvolvimento da atenção, oralidade e fruição do imaginário. Para Abramovich (2009), “[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê”. Dessa forma, o ato de escutar histórias estimula as crianças a fazerem uma leitura de mundo, é uma experiência de encantamento com o lúdico, mas também uma possibilidade de relacionar a literatura com suas vivências.

O presente artigo tem o objetivo de apresentar reflexões acerca do uso da contação de histórias como recurso pedagógico na Educação Infantil. Essa temática teve como fonte a experiência vivenciada pelas autoras, na disciplina Estágio Supervisionado na Educação Infantil, durante o VI semestre do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Durante o estágio foi possível observar e realizar a prática docente em uma turma da etapa de creche, com crianças de 3 anos, o que permitiu um olhar mais reflexivo sobre o trabalho pedagógico na primeira infância, sobretudo com a contação de histórias.

O estágio supervisionado é o momento que propicia aos alunos dos cursos de licenciatura a vivência na realidade da escola básica, uma vez que muitos só possuem a experiência de estar na escola enquanto alunos. Nessa perspectiva, o estágio é a etapa que exige dos discentes a mobilização dos conhecimentos teóricos aprendidos ao longo da graduação, no entanto, muitas vezes, a prática apresenta nuances que a bagagem teórica não dá conta, o que torna ainda mais rico o período do estágio.

Segundo Lima e Pimenta (2005/2006) “a profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da reelaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons”. É nesse sentido que o presente trabalho será desenvolvido, apresentando uma perspectiva teórica sobre a contação de histórias, mas, sobretudo, com as reflexões que as autoras conseguiram realizar no confronto entre teoria e prática vivenciado durante o estágio.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

A Contação de Histórias e as crianças

A contação de histórias é uma prática ancestral, presente na maioria das culturas ao redor do mundo, que desempenha um papel fundamental na transmissão de saberes, valores e na construção da identidade social dos indivíduos. Desde os tempos mais antigos, histórias foram usadas para explicar fenômenos naturais, preservar tradições e fortalecer vínculos comunitários. Na Educação Infantil, essa prática assume uma dimensão pedagógica crucial, pois não só promove o acesso da criança ao universo simbólico e cultural, mas também estimula o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais.

Contar histórias para crianças vai muito além do simples entretenimento. Trata-se de um momento rico de escuta ativa, acolhimento e conexão entre o contador e a criança, que cria um ambiente seguro para o desenvolvimento da linguagem e da imaginação. Ao ouvir uma narrativa, a criança vivencia emoções diversas, identifica-se com personagens, reflete sobre diferentes situações e amplia seu repertório cultural e linguístico. Segundo Vygotsky (2007), a linguagem desempenha um papel central no desenvolvimento psicológico da criança, e a contação de histórias funciona como um importante mediador social que contribui para o seu avanço cognitivo.

A escritora e educadora Fanny Abramovich (2009) destaca a necessidade de que as histórias sejam vividas intensamente, e não apenas ouvidas mecanicamente. Para Abramovich (2009), “história boa é aquela que a gente vive por dentro, não só escuta”, enfatizando que o momento da narrativa deve ser uma experiência encantadora, capaz de mobilizar a imaginação, a sensibilidade e o pensamento crítico da criança, sem se restringir a cobranças ou respostas corretas. Esse olhar valoriza o lúdico e o afetivo como fundamentos da aprendizagem infantil.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998) reconhece o valor da linguagem literária para o desenvolvimento integral da criança, destacando que “ouvir histórias e participar de situações em que a linguagem oral é usada com diferentes finalidades favorece o desenvolvimento da escuta, da atenção, da memória e da linguagem”. Dessa forma, a contação de histórias, quando inserida no cotidiano escolar, promove aprendizagens significativas e respeita o direito da criança ao acesso à cultura e à linguagem.

Além disso, a contação de histórias contribui para o fortalecimento da oralidade, estimulando a criança a construir sentido, expressar-se e interagir socialmente. Essa prática também favorece o desenvolvimento da empatia e da autonomia, ao permitir que a criança se coloque no lugar do outro, compreenda diferentes pontos de vista e aprenda a respeitar as diferenças culturais e individuais. Assim, o ato de contar histórias configura-se como um



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

instrumento poderoso para a formação de sujeitos críticos, imaginativos e leitores do mundo.

É essencial considerar que a contação de histórias também é uma forma de garantir o direito das crianças à cultura, à imaginação e à fantasia. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC também considera que a contação de história é um elemento importante para o desenvolvimento infantil e segue os mesmos direcionamentos que já foram apresentados no Referencial Curricular para Educação Infantil, a BNCC reconhece a importância das práticas que valorizam as múltiplas linguagens e que promovem o protagonismo infantil. A escuta atenta e sensível de histórias contribui para esse protagonismo, pois incentiva a criança a expressar sua opinião, formular hipóteses, criar e reinventar o mundo à sua volta.

É importante destacar que a literatura infantil, ao ser trabalhada por meio da contação, deve contemplar diversidade de temas, estilos e culturas, garantindo uma visão plural e inclusiva do mundo. Autores contemporâneos e materiais variados, como contos populares, mitos, fábulas e histórias autorais, ampliam o repertório das crianças e fortalecem sua identidade cultural.

Além de todos esses benefícios, a contação de histórias também fortalece o vínculo afetivo entre educador e criança, criando um ambiente seguro e acolhedor, no qual o pequeno se sente respeitado e valorizado. Esse vínculo é essencial para o processo de aprendizagem, pois, quando a criança se sente emocionalmente segura, está mais disposta a explorar, questionar e aprender. Através da escuta atenta e da interação proporcionada pelas histórias, o educador também pode identificar interesses, medos, dúvidas e conhecimentos prévios das crianças, tornando possível uma prática pedagógica mais sensível e significativa.

Portanto, investir na contação de histórias como parte da rotina na Educação Infantil é reconhecer o papel transformador da literatura na infância. Trata-se de uma prática que forma leitores e cidadãos, promove o desenvolvimento integral e contribui para uma educação mais humana, lúdica e culturalmente rica. É por meio das histórias que as crianças aprendem a sonhar, a criar e a compreender a si mesmas e o mundo ao seu redor.

Contação de Histórias e prática pedagógica

A contação de histórias, para além do seu valor pedagógico e afetivo, demanda do educador um conjunto de habilidades técnicas e expressivas que potencializam o impacto da narrativa junto às crianças. O professor assume o papel de mediador e protagonista desse momento, sendo fundamental que se prepare de forma intencional e sensível para cativar a atenção, despertar o interesse e favorecer a compreensão do enredo.

A voz do educador é o principal instrumento durante a contação. A modulação vocal que



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

inclui variações no volume, ritmo, entonação e pausas cria diferentes atmosferas e confere personalidade aos personagens, tornando a história viva e dinâmica. Pausas estratégicas, por exemplo, geram suspense ou permitem que as crianças assimilem o conteúdo, enquanto a variação da velocidade da fala pode enfatizar momentos importantes da narrativa. A contação lúdica e interativa, que utiliza recursos expressivos como entonação, gestos e ritmo, é fundamental para o engajamento das crianças e o estímulo à imaginação desde a primeira infância (Gonçalves; Buss-Simão; Debus, 2022).

Paralelamente à voz, o corpo também é um poderoso instrumento comunicativo. Gestos, expressões faciais, olhares e movimentos complementam a fala, reforçam o significado das palavras e tornam a história mais concreta e palpável para as crianças. O educador que utiliza seu corpo de forma consciente facilita a compreensão e torna a experiência mais prazerosa e memorável. Abramovich (2009) destaca que contar histórias é “um gesto de presença, de escuta e de entrega”, e o corpo do contador participa ativamente dessa entrega.

Além da voz e do corpo, o uso de recursos variados é fundamental para ampliar o universo sensorial das crianças e tornar a contação mais atrativa. Fantoches, livros de pano, objetos simbólicos, varais de histórias, instrumentos sonoros e recursos visuais estimulam o olhar, o tato, a audição e o movimento, proporcionando um envolvimento multissensorial. Esses materiais favorecem a imaginação e auxiliam na fixação do conteúdo narrativo, além de promoverem a participação ativa dos pequenos, que podem interagir com os objetos e se expressar de diferentes formas (Silva, 2020).

Contudo, é essencial que a utilização desses recursos seja orientada por uma intencionalidade pedagógica clara. O educador deve selecionar materiais e estratégias que estejam adequados à faixa etária, aos interesses e às experiências da turma, considerando as características culturais e o contexto de vida das crianças. O planejamento cuidadoso assegura que a contação de histórias não se limite a um momento recreativo, mas se constitua como uma ação educativa rica e significativa.

O Referencial Curricular Municipal da Educação Infantil de Vitória da Conquista (2021) reforça a importância dessa preparação ao afirmar que a contação de histórias “é uma importante ferramenta pedagógica que possibilita o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, do pensamento criativo e da sensibilidade artística”. Mas, para tanto, o educador deve dominar técnicas de expressão oral e corporal e escolher textos literários de qualidade, que favoreçam uma aproximação profunda e prazerosa das crianças com a cultura e a linguagem.

A rede municipal de ensino, consciente dessa importância, tem investido em formações e



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

oficinas para capacitar os professores no uso da contação de histórias como prática curricular estruturante. Essas ações buscam desenvolver as competências técnicas e expressivas dos educadores, além de estimular a criatividade e a inovação nas estratégias pedagógicas, tornando o momento da narrativa um espaço rico de aprendizagem e encantamento.

Freire (2002), por sua vez, reforça que a educação precisa ser dialógica e humanizadora. Ensinar é um ato de escuta, de respeito e de acolhimento do outro. Ao contar histórias, o educador convida a criança a participar de um momento único de partilha, onde ambos narrador e ouvinte constroem sentido juntos. Freire nos lembra que a curiosidade, a imaginação e a capacidade de sonhar são forças essenciais para o aprendizado, e todas essas dimensões são acionadas durante a contação.

Portanto, contar histórias é uma prática pedagógica complexa e transformadora, que exige do professor planejamento, domínio técnico e entrega emocional. Quando bem realizada, amplia as possibilidades de aprendizagem, promove o encantamento pela linguagem e contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos e leitores comprometidos com o mundo.

Com esse entendimento, percebe-se que a contação de histórias não é uma atividade improvisada ou meramente lúdica, mas uma prática que demanda formação contínua, planejamento e conhecimento pedagógico. O educador precisa estar atento às necessidades e particularidades de seu grupo, escolhendo textos que dialoguem com o cotidiano das crianças e que ampliem seus horizontes culturais e linguísticos. Além disso, é essencial que o professor se reconheça como agente cultural e mediador de saberes, capaz de transformar o ato de contar histórias em uma experiência significativa de aprendizagem.

Portanto, valorizar a contação de histórias no contexto escolar significa investir na formação docente e na construção de práticas pedagógicas mais humanas, criativas e afetivas. É por meio da escuta sensível, da palavra compartilhada e da imaginação despertada que o educador contribui para o desenvolvimento integral da criança e para o fortalecimento de sua identidade como sujeito de direitos, capaz de interpretar, criar e transformar o mundo a partir das histórias que ouve e que conta.

Procedimentos Metodológicos

Para chegar ao objetivo deste trabalho foi necessário a utilização de procedimentos metodológicos do campo da pesquisa científica. Dessa forma, por se tratar de um estudo que teve como motivação a experiência no estágio supervisionado, este se caracteriza como uma pesquisa social, que utiliza a metodologia científica como um processo para obter novos conhecimentos a



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

partir da realidade social. (Gil, 2008). Este tipo de pesquisa tem uma dinâmica diferente da que ocorre em outras áreas, pressupõe uma capacidade de aliar a experiência teórica junto à prática social.

Nesse sentido, a abordagem do presente trabalho é a pesquisa qualitativa. Minayo (2007) salienta que essa abordagem permite compreender a realidade social em sua singularidade e, portanto, não pode ser realizada através de estratégias quantitativas, uma vez que não é possível representar em números os fenômenos complexos das relações humanas. Quanto ao objetivo, trata-se de um estudo descritivo, pois pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (Triviños, 1987). Essa tipologia é justificada, uma vez que este trabalho é resultado das experiências pedagógicas vivenciadas durante a disciplina Estágio Supervisionado na Educação Infantil, do curso de Pedagogia da UESB.

No que diz respeito ao instrumento de coleta de dados, pode-se afirmar que se trata de uma observação participante. Segundo Minayo (2007), “o observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural [...]”. Dessa forma, os dados apresentados neste estudo são provenientes da observação participante realizada durante a vivência do Estágio Supervisionado, uma vez que foi possível as autoras estarem imersas na realidade da prática docente.

O estágio supervisionado na Educação Infantil foi realizado no período de 14 de abril a 16 de maio de 2025, sendo estruturado em: observação, coparticipação e regência, em uma turma da etapa de creche, com alunos de 3 anos. Para preservar a identidade dos envolvidos, no decorrer do artigo não será mencionado nenhum nome. A instituição onde o estágio obrigatório foi realizado trata-se de um Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI, situado em Vitória da Conquista - Bahia, em um bairro periférico, que atende cerca de 200 crianças entre 3 e 5 anos, nos turnos matutino e vespertino. O público atendido pelo CMEI possui perfil socioeconômico diversificado, mas a predominância é de famílias com baixo poder aquisitivo.

Resultados e discussões

A experiência de estágio ocorreu durante um mês e foi possível imergir no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil, com acontecimentos positivos, mas também com os desafios que são inerentes ao fazer pedagógico. No que diz respeito a contação de histórias, o CMEI tem como rotina definida a realização dessa atividade todos os dias, sobretudo, nas turmas da etapa de creche. Essa ação foi justificada pela coordenação pedagógica como a promoção de um ambiente alfabetizador desde os primeiros anos da vida escolar. Dessa forma, todos os dias a



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

literatura infantil se faz presente nas turmas, com atividades subsequentes que podem ter a ver com a história contada no dia, ou não.

No período de observação, as professoras realizaram a contação de histórias de maneiras distintas e foi possível perceber a importância da preparação para executar essa atividade, uma vez que contar uma história é diferente de ler. Abramovich (2009) salienta que a contação de histórias para crianças não pode ser feita de qualquer jeito, necessita de uma leitura prévia para que o narrador se familiarize com o texto e as emoções que surgem no livro, evitando surpresas, erros nas pronúncias e até mesmo gaguejar. O autor ainda destaca a importância de sentir primeiro para saber passar as emoções que a história proporciona: “quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega no ouvinte”.

Durante as observações foi possível presenciar um exemplo de contação de história que demonstrava a falta do cuidado preliminar da docente antes de narrar o conto para as crianças, uma vez que a turma ficou agitada e nenhum aluno prestava atenção na leitura feita pela professora. Sim, leitura, nesse caso o que se via é a realização de uma leitura monótona, sem emoção e que não estimulava os alunos a se envolverem na narrativa. Um ponto que chamava a atenção era a postura da docente, que parecia não se importar se a turma estava atenta ou não.

Outro episódio observado já apresentava um empenho maior e claramente demonstrava que a professora havia se preparado para contar a história aos alunos. Essa outra docente colocava emoção na voz, fazia caras e bocas, as entonações iam modificando conforme os acontecimentos da história, neste caso, a contação de história foi executada com êxito e as crianças ficaram empolgadas. A literatura trazida era a “A mala maluca”, do autor Donaldo Buchweitz e, para complementar o momento, a professora trouxe uma pequena maleta e transformou-a em um recurso que levou as crianças a explorarem o imaginário com bastante empolgação.

Oliveira (2025) destaca que levar elementos que aparecem na história são práticas comuns, mas não é obrigatório, uma vez que a descrição clara e de forma enfática das ações das personagens, ressaltando sentimentos e sensações já cumprem o papel de estimular a imaginação e criatividade das crianças. No entanto, através das observações e da prática no período de regência do estágio foi possível perceber o quanto os alunos participam e prestam mais atenção quando há algum recurso para auxiliar na contação de histórias, mesmo que a entonação e a postura da narradora cumpram os requisitos mencionados por Abramovich (2009).

Na etapa da regência, como o estágio foi executado em dupla, havia um espaço favorável



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

para perceber como as crianças estavam no momento das contações de história, também foi possível identificar o avanço dos alunos em comparação ao início do estágio nos aspectos relacionados à imaginação de cenários. A participação de crianças, até mesmo das que eram mais quietas também revela que a contação de história é um estimulador da linguagem oral, pois, o momento do reconto, em que espontaneamente os alunos narravam a história a partir das próprias interpretações era sempre uma ocasião muito agitada que todos queriam falar.

Nesta perspectiva, ao analisar a contação de história como instrumento facilitador de desenvolvimento infantil, fica claro a importância da intencionalidade docente na organização deste momento, uma vez que cada ação pensada pelo professor no contexto da educação infantil necessita de um olhar atento para cada escolha pedagógica. É fundamental pensar o que as crianças podem desenvolver ao participarem de uma atividade psicomotora, de pintura, no brincar livre, nas contações de histórias, porque como menciona Vigotski (2010), as crianças se desenvolvem no processo de relação com o meio, nas mais diversas formas de interação.

Portanto, a partir da vivência no estágio supervisionado na Educação Infantil, foi possível compreender de forma mais concreta como uma estratégia docente bem planejada pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de diversas habilidades nas crianças. No caso específico da contação de histórias, ficou evidente o quanto essa prática pedagógica é potente para estimular a linguagem oral, promover a capacidade de imaginação e criatividade, além de favorecer a construção de sentidos a partir da relação entre as narrativas e a realidade vivida pelas crianças.

Observou-se, ainda, que a contação de histórias não apenas encanta, mas também contribui de maneira efetiva para o desenvolvimento cognitivo infantil, tornando-se uma ferramenta valiosa no processo de aprendizagem. Nesse contexto, é fundamental que o docente saiba se preparar e se portar adequadamente para esse momento, escolhendo obras significativas, utilizando recursos expressivos e criando um ambiente acolhedor e envolvente. Afinal, é por meio dessas narrativas que muitas crianças têm o primeiro contato com os textos escritos, o que reforça a importância desse momento como porta de entrada para o universo da leitura e da escrita.

Considerações Finais

A contação de histórias revela-se como uma prática pedagógica de grande importância na Educação Infantil, pois vai muito além do simples ato de narrar para as crianças. Trata-se de uma estratégia educativa capaz de fomentar o desenvolvimento integral dos pequenos, estimulando



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

não só a linguagem oral e escrita, mas também a imaginação, a sensibilidade, o pensamento crítico e a empatia. Por meio das histórias, as crianças têm a oportunidade de se conectar com diferentes mundos, culturas e valores, o que contribui para a construção de seu conhecimento e para a formação de sujeitos leitores do mundo, capazes de compreender e questionar a realidade que as cerca.

Para que a contação de histórias alcance esse potencial transformador, é fundamental que o educador exerça seu papel com preparo, sensibilidade e domínio das técnicas expressivas. A modulação da voz, o uso consciente do ritmo, das pausas e das entonações, aliados à comunicação corporal por meio de gestos, expressões e movimentos, são recursos que ampliam a experiência narrativa, tornando-a mais vívida, envolvente e acessível às crianças. O uso de materiais complementares, como fantoches, objetos simbólicos, instrumentos sonoros e recursos visuais, quando planejado com intencionalidade pedagógica, estimula os sentidos e contribui para a compreensão do enredo, favorecendo a participação ativa dos pequenos.

Também é imprescindível que o educador adapte suas escolhas literárias e estratégias às características e interesses do grupo, respeitando a faixa etária e as vivências das crianças, garantindo assim que a prática da contação de histórias seja significativa e prazerosa. A valorização dessa prática, tanto pela formação continuada dos docentes quanto pela sua incorporação estruturada no currículo, como ressaltam os documentos oficiais, é um passo essencial para a promoção de uma Educação Infantil de qualidade.

Além dos aspectos técnicos e pedagógicos, a contação de histórias também desempenha um papel fundamental na criação de vínculos afetivos entre educador e criança. O momento da narrativa, quando bem conduzido, estabelece uma relação de confiança e acolhimento, em que o adulto se torna uma referência de escuta e presença significativa. Esse vínculo favorece não apenas o aprendizado, mas também o bem-estar emocional da criança, contribuindo para um ambiente escolar mais humanizado e sensível às necessidades do desenvolvimento infantil. A escuta atenta e o encantamento mútuo que ocorrem durante a contação fortalecem a autoestima, a curiosidade e o prazer em aprender.

Dessa forma, a contação de histórias deve ser reconhecida como uma prática essencial e insubstituível na Educação Infantil. Ela não apenas introduz a criança no universo da linguagem escrita e na fruição estética da literatura, mas também cria oportunidades para que ela se expresse, interaja e se posicione diante do mundo. Quando o educador compreende o valor dessa prática e a realiza com comprometimento, sensibilidade e criatividade, contribui efetivamente para uma educação mais significativa, inclusiva e transformadora, que respeita o tempo e o modo



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

de ser da infância

Além disso, o estágio supervisionado também evidenciou a importância da contínua reflexão sobre a prática docente, reconhecendo os acertos, identificando os desafios e buscando estratégias para qualificar ainda mais o processo educativo. O ato de refletir constantemente é essencial para a formação de um professor crítico, sensível às necessidades de suas turmas e comprometido com a aprendizagem significativa das crianças, como defendem algumas abordagens teóricas estudadas no curso de Licenciatura em Pedagogia.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – RCNEI. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 12 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: [https://archive.org/details/pedagogia-do-oprimido-paulo-freire\(PDF\)](https://archive.org/details/pedagogia-do-oprimido-paulo-freire(PDF)). Acesso em: 12 jul. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Fernanda; BUSS-SIMÃO, Márcia; DEBUS, Eliane Santana Dias. Contação lúdica e interativa: um cotidiano de arte e expressividade na creche. **Em Aberto**, Brasília, v. 34, n. 110, p. 85-98, 28 abr. 2021. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <http://dx.doi.org/10.24109/emaberto.v34i110.4581>. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4581>. Acesso em: 12 jul. 2025.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência: Diferentes Concepções. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 13 jul. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/300166/mod_resource/content/1/MC2019%20Minayo%20Pesquisa%20Social%20.pdf. Acesso em: 11 jul. 2025.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. **Chegou a hora de contar histórias!** Salvador: EDUNEB, 2025. Disponível em:



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

<https://saberaberto.uneb.br/items/d6fc6a07-bf9c-4bdc-ba5b-396d2af34878>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SILVA, Andréa Cristina. **Práticas pedagógicas inclusivas no ensino fundamental**. São Paulo: Loyola, 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VINHA, Márcia Pillegi; WELCMAN, Max. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia, Lev Semionovich Vigotski. **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681–701, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQrRY4wfYC/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2025.

VITÓRIA DA CONQUISTA. **Secretaria Municipal de Educação**. Referencial Curricular Municipal da Educação Infantil. Vitória da Conquista: SMED, 2021.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.